

AS CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES POR CARMEN DA SILVA¹

Lisiane Andriolli Danieli²

RESUMO: A partir da leitura de *Histórias híbridas de uma senhora de respeito* (1984), de Carmen da Silva, é possível reconhecer, por meio de reflexões autobiográficas, a construção de diversas identidades. A autora disserta sobre sua vida e sobre ser: mulher, gaúcha, estrangeira, escritora e, por fim, velha. Como maneira de estabelecer as definições descritas por Carmen da Silva, proponho a (re)leitura de *O segundo sexo* (1949), de Simone de Beauvoir, além de Judith M. Bardwick (1981), a quem Carmen também leu. A brasileira leu e admirou a francesa, tornando ainda mais possível a análise comparativa entre os escritos de ambas. Para análise da obra pelos conceitos sobre narrativa em primeira pessoa e autoficção, serão utilizadas as teorias desenvolvidas por Biruté Ciplijauskaitė (1994) e Leonor Arfuch (2010). Assim, Carmen da Silva, em seu último livro, rememora sua vida e proporciona, para quem o lê, noções de identidade para além da autoidentificação evidente entre obra e autora.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; Carmen da Silva; autoficção.

CONSTRUCTION OF IDENTITY IN CARMEM DA SILVA

ABSTRACT: From *Histórias híbridas de uma senhora de respeito* (1984), written by Carmen da Silva, it is possible to recognize a construction of plural identities through autobiographic reflections. The author puts her own life under discussion, reflecting about what is it like to be an elderly Foreigner writer woman from the Southern Brazil. To discuss Silva's definitions, I propose Simone de Beauvoir's *The second sex* (1949) as well as Judith M. Bardwick's, whose ideas were read by Carmen da Silva. As Beauvoir's reader and admirer, it makes the analysis I propose even more suitable. To go through the text by the narrative and autofiction concepts, Biruté Ciplijauskaitė and Leonor Arfuch theories will be studied. Thus, in her last book, Carmen da Silva recalls her life and provides to us notions of identity beyond the evident self-identification between her work and her life.

KEYWORDS: identity; Carmen da Silva; autofiction.

Histórias híbridas

A igualdade, qualquer tentativa de igualdade, é sempre subversiva.
 (Carmen da Silva)

A obra da rio-grandina Carmen da Silva, ainda que pouco conhecida pelo restante Brasil, tem amplo estudo na sua cidade natal, com um grupo de pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande e um *site* (carmendasilva.com.br) inteiramente dedicado a sua produção jornalística e literária, ambos organizados pela Profa. Dra. Nubia Hanciau. A autora

¹ Artigo apresentado à disciplina "Literatura comparada", ministrada pela Dra. Kelley Baptista Duarte, do programa de pós-graduação em História da Literatura, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), como requisito parcial para aprovação.

² Mestranda em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), bolsista pela CAPES, lisiad@gmail.com.

teve oito livros publicados e é considerada precursora do feminismo em função de sua coluna “A arte de ser mulher”, que teve na revista *Claudia* entre os anos 1963 e 1985.

Seu último livro, *Histórias híbridas de uma senhora de respeito* (1984), não é apenas um romance, tendo indícios de autoficção ou autobiografia, sendo organizada de forma parcialmente cronológica, dissertando em torno de sua vida desde a infância em Rio Grande até a velhice no Rio de Janeiro. O termo adotado para descrever o gênero ao qual esta obra se refere depende da escolha teórica e crítica. Para o presente estudo, parto da conceituação de Leonor Arfuch; contudo, é importante demarcar que, como em todo gênero literário, as definições não são fixas e estáveis, por isso a análise entre teoria e obra é sempre específica.

Conforme expõe Arfuch, a escrita de si pode ter o papel de autorreflexão, podendo-se considerar *Histórias híbridas...* uma obra que retoma a vida da autora, por meio de narrativas curtas, como rememoração avaliativa de suas experiências. Para além disso, o texto, sendo ele eternizado em livro, transcende a pessoa autora e a criadora para o coletivo, tornando suas vivências não mais apenas suas, mas de todas as pessoas que entrarem em contato com ela via leitura, isto é: o “*além* de si mesmo de cada vida em particular é talvez o que ressoa, como inquietude existencial, nas narrativas autobiográficas” (ARFUCH, 2010, p. 39, grifo da autora). Da mesma forma que o diário íntimo poderia ter forma de confissão e autoexame, segundo a teórica, qualquer narrativa que busque descrever um período de existência real também pode passar por esse processo; a escrita e ficcionalização proporcionaria, nesse sentido, uma busca por verdade que é impossível. Conforme Biruté Ciplijauskaitė (1994), o recurso da primeira pessoa é o mais apropriado para a indagação psicológica; a percepção sobre o tempo vivido se desvia da lógica linear e parte para uma rememoração poética ou mística, como ocorre no romance de Carmen da Silva.

A partir dos estudos de Philippe Lejeune, Leonor Arfuch questiona as definições que o teórico estabelece acerca da autobiografia, profundamente relacionada à noção de igual identidade de autor, narrador e personagem de determinado livro. Ainda que quem escreva *Histórias híbridas...* seja evidentemente Carmen da Silva, os acontecimentos pessoais estão sendo trazidos muitos anos depois de passados, o que favoreceria uma sequência narrativa com construções ficcionais – por vezes involuntárias – de preenchimento de lacunas, não sendo possível escrever apenas com base na memória. Acato: “não há identidade possível entre autor e personagem, nem mesmo na autobiografia, porque não existe coincidência entre a experiência vivencial e a ‘totalidade artística’.” (ARFUCH, 2010, p. 55). Trata-se, portanto, de literatura, mesmo quando personagem e autor compartilharem o contexto e, como no caso do livro estudado de Carmen da Silva, o nome e algumas experiências. Constata-se, por vezes,

que a narradora, sendo ela uma mulher, criando seu próprio modo de narrar, revela-se profundamente e acaba sendo representativa das mulheres em geral, seja pela pouca imersão que as leitoras possam ter com outros narradores, seja porque os fatos ocorridos entre ambas são convergentes.

Carmen da Silva desde o título (conscientemente parecido com *Memórias de uma moça bem-comportada* [1958], de Simone de Beauvoir) estabelece o que vem a ser seu livro e justifica sua escolha por “história”, não “estória” e o uso do termo “híbrido”: “A grafia com agá-i enfatiza minha convicção de que privado é político. Híbridas porque misturam experiências minhas e alheias, narração e reflexão, memórias e mexericos.” (SILVA, 1984, p. 7). Faz parte da escrita literária a mistura de formas de narrar, e a autora, dotada de possibilidade criadora, constrói sua obra a partir de referências pessoais, mas que podem ser adotadas e reflexionadas por quem quer que a leia. Nesse sentido, para Arfuch (2010, p. 73), acerca das questões de biografismos, o mais importante não é o conteúdo do relato, verdadeiro ou não, mas as estratégias e os modos adotados para fazê-lo. Toda escrita poderia, em si, carregar traços autobiográficos e de autorrepresentação, uma vez que experienciamos e pensamos o meio a partir da nossa vida individualmente. As identidades produzidas na escrita podem, portanto, serem coletivizadas, sendo que o exercício da escrita propicia a passagem do pessoal para o coletivo.

Como demonstrado, na discussão sobre autobiografia ou autoficção, a identidade é questionada e tomada como relevante para se estabelecer a qual gênero determinada obra pertence. Conforme Arfuch,

o espaço biográfico, tal como concebemos, não somente alimentará ‘o mito do eu’ como exaltação narcisista ou voyeurismo [...], mas operará, prioritariamente, como ordem narrativa e orientação ética nessa modelização de hábitos, costumes, sentimentos e práticas, que é constitutiva da ordem social. (ARFUCH, 2010, p. 31-32)

Assim, tomando como partida o *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*, procurarei analisar como se dão as construções de identidade na narrativa, uma vez que estas são produzidas socialmente e sendo a escritora uma mulher questionadora e assumidamente feminista, pode-se fazer relações entre suas escolhas narrativas e descritivas e outras teorias, as quais refletem a construção subjetiva dos seres, visto que, para Biruté Ciplijauskaitė (1994, p. 20), a autobiografia de autoria feminina configura um “eu social” e seu “processo de conscientização”; assim, essa criação pode desencadear a conscientização de outras pessoas, integrando o contexto e a investigação interior.

Identidades

Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade.
(Simone de Beauvoir)

Carmen da Silva inicia sua história híbrida com sua origem, isto é, o nascimento de uma mulher. De modo perspicaz, expõe:

Nasci mulher. Sem a “petite différence”. Já de saída o enfoque falocrático: mulher não nasce com tais ou quais características próprias, tendo isso e aquilo – vagina, ovários, útero, seios, glândulas mamárias e o resto da parafernália que não é pouca nem de escassa utilidade. Ela nasce sem. Seu sexo não é uma característica, é uma carência. (SILVA, 1984, p. 9)

Nesse ponto, estão postos dados biológicos, os quais serão utilizados para justificar as construções opressoras de feminilidade e, como consequência, o “ser mulher” que Simone de Beauvoir teorizou:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 2016b, p. 12)

Evidentemente somos seres humanos, homens ou mulheres, mas a identidade constituída a partir do sexo nos diferencia. As duas autoras explicitam a ideia social de construção da mulher perante a outra metade da população. Apesar de ambas pareçam contrárias, ideologicamente seguem a mesma linha de pensamento, pretendendo-se demonstrar que a mulher existe por si só, mas determinadas padronizações são seguidas para a formação da feminilidade, o que Simone de Beauvoir chama de “tornar-se” e Carmen da Silva já parte dela ao nascer com ou sem determinadas características físicas.

Como construto da identidade, a rio-grandina se posiciona em relação a várias pautas no decorrer de seu livro, o que proporciona essa leitura analítica. Ainda ao início da narrativa, sobre o “tapinha” que o obstetra pode ou não dar no bebê logo após o parto, Carmen o identifica como uma agressão que o médico faz em solidariedade ao pai, que será um órfão da mãe. Nota-se, então, o papel que se estabelece de mulher servil, tanto à prole quanto ao marido, como um aspecto subjetivo da mulher que será explorado durante a vida: “Assim, fui parida como Deus é servido, palmada, sacudida – antes de me vestirem a camisinha e os sapatinhos cor-de-rosa, símbolo da fragilidade e delicadeza do meu sexo. E desde então, bem

ou mal, venho durando até hoje.” (SILVA, 1984, p. 10). Carmen escreve essas histórias a partir da posição de escritora de prestígio, já aos 64 anos, então referencia a idade em diversos momentos e os relatos a moldam como sujeito. Assim, ao ser encaixada no papel feminino, forja-se a partir dele.

Com o avanço da idade, ocorre a menarca, e Carmen discorre acerca dela – inclusive, um de seus romances se chama *Sangue sem dono* (1964), coincidente com *O sangue dos outros* (1945), de Simone de Beauvoir. A menstruação passa a ser um momento em que se confirmam os deveres das mulheres, como o casamento e a maternidade. Estando a mulher preparada, acontece o “primeiro baile”, uma espécie de iniciação feminina. No baile, a adolescente está à disposição dos rapazes para serem escolhidas, como objetos em um cenário, sem poder, reforçando o estereótipo de masculino-ativo, feminino-passivo.

O sucesso ou não da mulher no baile poderia definir as próximas etapas a serem seguidas em sua vida, como o matrimônio, uma vez que a juventude é valorizada e a falta dela ou a falta do relacionamento é um demérito. A dança representava, portanto, “nossa feminilidade posto à prova, era a aceitação ou rejeição masculina à mulher ainda em promessa em cada uma de nós. Agradávamos, seríamos escolhidas – ou não.” (SILVA, 1984, p. 27). Por esse viés, os aspectos repressores, conforme explica Marilena Chauí (1988, p. 29), alteram-se entre os indivíduos; assim, sexualidade e sua constituição parte da sociedade que determina a feminilidade e as mulheres como assexuadas, frígidas e para a maternidade, não para o sexo. Porém, na narrativa, Carmen da Silva nos apresenta figuras como a prostituta Veneza, que é depreciada pela sociedade de maneira geral, mas tem seu trabalho apreciado pelos homens, isto é, a sexualidade feminina é aceita quando está à disposição dos outros.

Neste ponto, em uma reflexão que contrapõe a noção adolescente sobre a importância desse primeiro baile, a narradora passa a expressar outros interesses, muito mais individuais das mulheres, para além da obrigatoriedade em agradar aos homens. Ela e suas amigas interessavam-se por leituras e discussões sobre o universo e o ser – correspondente à sua personalidade existencialista, inclusive, como todo o livro de alguma forma recorre-se. Aquelas meninas eram, como Carmen da Silva, de uma classe privilegiada, às quais eram dotadas de saúde, boa família, educação secundária. A autora lia, dentre muitas outras, Shakespeare e Corneille no original, além de Nietzsche, Ingenieros, Krishnamurt e Ortega y Gasset. Demarco como aspecto importante a referência direta que Carmen faz às artistas:

deslumbrava-me ainda com algumas esplêndidas mulheres: Juana de Ibarburu, Alfonsina Storni, Gilka Machado, Cecília [Meireles] que eu apenas acabava de descobrir. Enfim, apesar da desordem e dos conceitos mal

assimilados, havia mais coisas no horizonte das adolescentes rio-grandinas do que sonhava a vã filosofia de seus pais. (SILVA, 1984, p. 28)

As mulheres com quem a autora tinha contato, além de sua mãe, que era um exemplo de pessoa reprimida e pouco desenvolvida para expressão verbal e emocional, são essas autoras. Assim, é reconhecida a possibilidade da escrita, visto que as lia. Já sendo escritora, em suas lembranças reconhece a extraordinariedade da arte e ela como trabalho comparável aos deveres de operários, que partem de coisas insignificantes e as transformam em resultados estupefacentes. Para a construção da identidade de trabalhadora e escritora, então, é necessário o reconhecimento deste trabalho como relevante, contudo, ocorre uma valorização diversa entre homens e mulheres, inclusive no meio artístico:

Ninguém pergunta o que ela realmente é, ninguém quer saber de seus sonhos, suas fantasias, suas ambições, ninguém lhe dá a mínima chance de olhar em torno e vislumbrar outras possibilidades, outros caminhos. [...] não interessa o que a mulher possa ter na cabeça e sim o que ela tem ou terá no ventre. Ou melhor, interessa sim mas é para sufocar. No momento em que a mulher começa a meter o bedelho em campos que os homens reservaram para si, o mundo vira de pernas para o ar [...]. Cada macaco no seu galho, e galho de mulher é rasteiro feito pé de abóbora, que só dá fruto rente ao chão. (SILVA, 1984, p. 64)

Ocorre, portanto, a desvalorização da subjetividade da mulher. Em uma referência que recorda a tese de Virgínia Woolf em *Um teto para todos* (1929), Carmen da Silva expressa como a valorização de um autor como Shakespeare seria diferente caso ele fosse mulher. A “irmã de Shakespeare”, nomeada de Judith, dotada de tanta ou mais capacidade que o irmão, é obrigada a prosseguir por caminhos que não a possibilitariam criar, como o matrimônio e a maternidade, sendo que a criação artística requer tempo e dinheiro. Na produção artística, muitas vezes qualifica-se o trabalho de uma mulher comparando-o ao masculino. Conforme Beauvoir (2016b), isso ocorre porque a criadora não mais despende seu tempo ao desempenho do feminino ou lutando contra os homens; assim, sem a feminilidade opressora, pode criar livremente. Continuamente a mulher é lembrada de que é o “Outro”, e sua arte é influenciada por isso, mas é elogiada justamente quando desprende-se desse papel, como expõe Virgínia Woolf: “escrevia como uma mulher, mas como uma mulher que esquecera que era mulher, de forma que suas páginas estavam repletas daquela qualidade sexual curiosa que aparece apenas quando o sexo não tem consciência de si mesmo.” (WOOLF, 2014, p. 133).

Como escritora, Carmen da Silva também demonstra insegurança em relação ao livro que vem escrevendo. Por isso, o submeteu à apreciação as primeiras sessenta páginas e foram

elogiadas, mas há a insegurança da lástima que virá nas próximas trinta, novamente elogiadas, mas e as outras tantas? Ela reconhece que viver da escrita e, além disso, ser “membro do segundo sexo” a torna vulnerável. Seguindo o pensamento de Susan Gubar e Sandra Gilbert, a ansiedade da autoria, em contraponto à angústia da influência, teorizada por Harold Bloom, as mulheres passam por um processo diverso na escrita por serem continuamente questionadas acerca de suas capacidades artísticas e poucas vezes serem adotadas como exemplo de ponto de chegada. Isso faz com que as artistas precisem fazer um esforço maior para serem reconhecidas e terem seus nomes e sua autoria evidenciada, como expõe Carmen da Silva: “Criação literária é gestação e parto, o poeta é mulher e, portanto, sujeito a todas as inseguranças femininas.” (SILVA, 1984, p. 179).

Como notado no texto de Carmen da Silva, uma metáfora amplamente usada é a comparação das mulheres com macacos; ocorre, dessa forma, uma animalização das humanas, justificando o tratamento diverso atribuído a elas. Também a figura do gorila e do *king kong* refletem essa ideia. O homem é o humano, enquanto a mulher é o Outro, como explicita a teoria de Simone de Beauvoir: “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.” (BEAUVOIR, 2016a, p. 13). A amesração das mulheres tem um processo contínuo, que permite a soberania de metade da população sobre a outra, constituindo possíveis subjetividades limitadas em função do gênero.

A transgressão, para a mulher, vem com a tônica da culpa, que a faz crer que todos os males da sociedade são ocasionados por ela, porque deveria estar em outro lugar, sendo mãe e esposa, cercada por segurança, não no mundo. Em um relacionamento com Alex, Carmen da Silva e sua verve escritora sofrem; ela se dá conta de que a escrita ou qualquer produção que as mulheres queiram empreender é afetada pela pressão da companhia e necessidades que o companheiro inventa, com o ego afetado pela ascensão da mulher. Assim, ao sair do casamento, Carmen considera-se uma heroína: “Em nome de uma abstração, renunciei a um homem de carne e osso, rejeitei os dons oferecidos por um deus benevolente – e me escolhi.” (SILVA, 1984, p. 72). Tal escolha envolveu a saída de uma “gaiola de ouro”, que representaria tudo que uma mulher almeja ou deveria almejar. É possível relacionar essa metáfora à outra, da Charlotte Perkins Gilman, que descreve um espaço amarelado, entre paredes, como local de segurança e cerceamento impostos à mulher considerada louca. A transmutação dessa mulher no sentido de entender-se como artista está no que Judith M. Bardwick considera autorrespeito: “Para que as mulheres se respeitem, devem centrar-se na própria individualidade, isto é, precisam de um nível saudável e moderado de egocentrismo,

muito diferente do estereótipo da companheira-colaboradora-dependente, reativa, adaptável e abnegada.” (BARDWICK, 1981, p. 42). A partir da individualização é possível a criação.

A escrita de Carmen da Silva está relacionada à sua saída de Rio Grande, uma vez que a cidade onde nasceu, além de cheirar a peixe e cebola, mata “de tédio provinciano, de falta de perspectivas, dos eternos passeios dominicais em torno da praça depois da missa. Ou assassinadas pelos preconceitos: ficavam ‘faladas’, eram empurradas ao ostracismo, à aridez, à solidão.” (SILVA, 1984, p. 11). Para não viver nessa situação, a autora foge. Nesse sentido, Carmen é estrangeira, o que, conforme Julia Kristeva, a confere liberdade, pois, “livre de qualquer laço com os seus, o estrangeiro sente-se ‘completamente livre’. O absoluto dessa liberdade, no entanto, chama-se solidão. Sem utilidade ou sem limite, ela é tédio ou disponibilidade supremos.” (KRISTEVA, 1994, p. 19). Essa realidade é exposta por Carmen: “Depois da chatice do Rio Grande, onde os rapazes tinham medo até de olhar para moça de família para não se comprometerem, liberdade e sucesso combinavam-se numa experiência nova e embriagadora.” (SILVA, 1984, p. 46).

Ela passou 20 anos entre a Argentina e o Uruguai, e no Rio de Janeiro, muito diferente da sua cidade natal. O indivíduo fora do seu local de origem passa a ser considerado o outro perante o todo, seja em relação à cultura, língua ou geografia. A visão de mundo, portanto, muda devido a tal experiência, pois as fronteiras se fluidificam. Estar estrangeira propicia lembranças distintas em função do deslocamento. A autora expõe essa noção ao dissertar sobre os momentos políticos do Brasil, da Argentina e do Uruguai, por exemplo, e não se sente confortável para reclamar das ditaduras por estar em deslocamento. Sua condição limitava Carmen da Silva, em especial ao pensar nos momentos políticos que os países nos quais viveu estavam. Ela era impedida de participar de passeatas, por exemplo, e como funcionária da embaixada brasileira também deveria seguir algumas regras específicas de prudência. Apesar disso, sua noção de escritora a fazia ter um lugar, a Sociedade Argentina de Escritores era sua pátria. Ser estrangeira tirava seus deveres cívicos, o que lhe era confortável, mas culposo, por isso voltou ao Brasil, para votar, cansada dos golpes que havia passado nos outros países. Ironicamente, sua volta ocorreu pouco antes do golpe brasileiro que instaurou a ditadura militar.

O que a fez ir de Montevideu para Buenos Aires foi um bom emprego e René, homem com quem tinha um relacionamento. René era um homem casado com uma loiríssima francesa, o que causava problemas óbvios para a relação entre Carmen e ele. É interessante reconhecer o discurso que a narradora adota, elogioso à mulher e ao mesmo tempo crítico, uma vez que ela usava como artifícios de retorno do ex-marido a chantagem emocional e um

suicídio iminente. Carmen, contudo, identifica as manobras que a francesa e ela se utilizavam como sedução como única forma ensinadas a elas:

Em última análise, eu me limitava a usar os clássicos recursos femininos, os únicos que eu conhecia e que vêm dando resultados desde que o mundo é mundo [...]. Absurdo, pois, responsabilizar-me pelo caráter desprezível desses pobres truques e astúcias, afinal eles são o único esperneio consentido aos fracos, aos oprimidos, à raça das macaquinhas amestradas que dançam conforme a música do dono do circo. [...] eu era mulher, recebera um treinamento de macaquinho amestrado, ninguém jamais me falou de honestidade como um clima de respeito e franqueza nas relações humanas, a honestidade que me ensinaram era outra: ser honesta consistia em sentar-se com as perninhas fechadas e a saia bem puxadinha sobre os joelhos, não ser oferecida, não se deixar tocar pelos rapazes, manter-se virgem até o casamento e, em linhas gerais, portar-se de acordo com o figurino do-que-os-homens-gostam-nas-moças-que-eles-escolhem-para-casar. Transgressões, eu cometeria algumas vezes, mas sem nunca questionar o código em si. (SILVA, 1984, p. 54)

Aqui de alguma forma se reconhece o entendimento que Carmen da Silva passa a ter sobre as opressões sofridas e como elas influenciam todas de modo muito parecido e identificável. Como meio de desviar-se do destino que lhe era imposto, Carmen passou a porta-se, segundo ela, como homem. Em oposição ao “tornar-se mulher”, “virou homem”. Isso ocorreu porque acabou assumindo a direção da firma onde trabalhava; assim, seus méritos não eram mais domésticos, como se esperava, mas nos negócios – porque valoriza seu emprego mais do que vínculos familiares. Assim, segundo Beauvoir:

do ponto de vista dos homens – e é o que adotam os psicanalistas de ambos os sexos – consideram-se femininas as condutas de alienação, e viris aquelas em que o sujeito afirma sua transcendência. [...] homem é definido como ser humano e a mulher como fêmea; todas as vezes que ela se conduz como ser humano, afirma-se que ela imita o macho. (BEAUVOIR, 2016a, p. 80)

Contudo, evidentemente essa suposta identificação ao masculino parte de estereótipos que ignoram a realidade das mulheres, que podem optar genuinamente por papéis não convencionados. Enfim, Carmen se dá conta de que tudo isso a afastou da sua real vontade, a nunca abandonada ambição de escrever e a fascinação pela magia das palavras. Havia feito tudo apenas para agradar ao homem por quem estava apaixonada, uma vez que tornar-se cada vez mais sedutora era, estranhamente, o caminho dos negócios, transformando a feminilidade em, forçadamente, uma recusa completa do seu ser subjetivo. Nesse mesmo viés, Judith M. Bardwick (1981, p. 40) expõe a necessidade de reconhecer nossa identidade, ainda que seja difícil, pois não ser mãe ou esposa não significa não ter valor, como querem que acreditemos.

Outro ponto de vista destacado na narrativa de Carmen da Silva é a própria escrita da obra que está sendo lida. A autora consegue estabelecer as diferenças entre o tempo da narrativa e o tempo vivido, demonstrando mais um constituinte de sua identidade e das escritoras de modo geral: “Voltemos aos meus vinte e poucos anos – no texto, já que no calendário não tem jeito, ai de mim.” (SILVA, 1984, p. 43). Uma das características expostas por Biruté Ciplijauskaitė (1994, p. 19) para autobiografia é, justamente, que o tempo narrado e o tempo do narrador se cruzam, pois há uma rememoração contínua, e a autora sabe disso, expondo sobre a escrita da obra: “Desculpem esses vaivéns, eu pretendia contar uma história arrumadinha e correta. [...] nada mais ilusório que a ordem cronológica.” (SILVA, 1984, p. 60).

Como notado, *Histórias híbridas...* foi escrito quando a autora já tem mais de 60 anos e ela tem noção do que a idade e a velhice significam, especialmente para mulheres. Para quem está solteira em determinada idade, sua identidade e individualidade deixam de ser plenamente respeitada, a velhice a tornava quase invisível, mas não incólume às fofocas:

A velhice nos parecia um mal sem esperanças. Os quarenta, então, representavam o extremo limite, o mergulho irremediável da senectude: todos os caminhos fechados, todas as satisfações negadas, exceto do altruísmo [...] ou os prazeres do intelecto. Se é que mulher tem intelecto. E se o tem, é homem. (SILVA, 1984, p. 137)

Com a idade, conforme Simone de Beauvoir expressa, a mulher pode desfrutar de suas energias em próprio favor, sem mais filhos e marido para servir. É um momento de novas possibilidades, ainda que sem a juventude que a valorizava como um corpo apreciável, isto é; “a mulher acha-se libertada da servidão da fêmea; não é comparável ao eunuco, porque sua vitalidade continua intata, entretanto não mais é presa de forças que a superam: coincide consigo mesma” (BEAUVOIR, 2016a, p. 58). Na mesma linha, existe a solidão, que Carmen da Silva define como a possibilidade de ser e existir por si, sem deveres de aceitar nenhuma imagem imposta como a correta, sendo, sozinha, mais ela mesma. Evidentemente, esse ponto de vista é confirmado ao se pensar que “estar só” em geral significa “estar sem homem”, ainda que estejam várias mulheres juntas. Quem acompanha Carmen da Silva são gatos, animais independentes e simbolicamente relacionados às bruxas, as quais são mulheres independentes, não humilhada e não sujeitas à opressão. Velha, solteira e independente, jovem ou casada, o importante é, enfim, ser.

Ao fim

Na verdade, querer mesmo, não queremos nada de outro mundo. [...] Um espaço para ser, mas não um espaço delimitado pela imposição alheia, e sim o que cada uma é capaz de criar para si: o direito à identidade.
(Carmen da Silva)

A importância de resgatar livros como *Histórias híbridas de uma senhora de respeito* através de estudos que evidenciem e questionem as identidades expostas confirma o que Joan Scott expõe sobre a experiência: “Experiência é sempre e imediatamente algo já interpretado e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é nem autoevidente nem direto; é sempre contestado, portanto, sempre político.” (SCOTT, 1998, p. 324). Assim, levando-se em consideração o contexto de escrita de Carmen da Silva e das outras autoras retomadas como referência, podemos pensar nos nossos direitos e deveres ainda hoje, em luta por equidade e por mais indagações.

A leitura propicia reflexões sobre nossa construção identitária e a autora tem a capacidade de relacionar diversos acontecimentos de sua vida com a constituição de sua subjetividade e de algumas classes. Dos muitos ensinamentos que podemos tirar da obra, tem-se a oposição à submissão e o silenciamento da mulher, é necessário transgredir o figurino da feminilidade imposto a nós mesmas e, assim, colocar-se contra o que nos prejudica, como Carmen da Silva faz. Em todo o livro, a autora procura e descreve a fonte da sua identidade plural, quem é e como se fez dessa forma depois de tantas experiências. Em contraste à pluralidade que as mulheres se propõem, em todos os lugares que a autora passou, tiveram homens que a humilharam, mas isso não deve fazer com que nos reconheçamos como inferiores, pelo contrário; é necessário

Resgatar, revalorizar e universalizar os dons e qualidades tradicionalmente associados à personalidade feminina: sensibilidade, empatia, altruísmo, afetividade fluente e generosa, apego aos vínculos, respeito fundamental pela vida e pelos valores a ela ligados, com a conseqüente tendência de aninhar, preservar, nutrir, proteger e ajudar – tomando-os como fundamento ético para a construção de uma nova estrutura socioeconômica. (SILVA, 1981, p. 3)

Carmen da Silva, tomada por seus ideais políticos e reconhecendo seus privilégios de branca, alfabetizada e originária da burguesia média, escolhe o feminismo como forma de luta, e cada uma e cada um pode fazer o mesmo. Ainda há esperança nas gerações futuras. Estamos lendo Carmen da Silva.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARDWICK, Judith M. *Mulher, sociedade, transição: como o feminismo, a liberação sexual e a procura de autorrealização alteraram as nossas vidas*. Tradução de Wanda de Oliveira Roselli. Apresentação e revisão de Carmen da Silva. São Paulo: Difel, 1981.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.
- CIPLIJASKAITÉ, Biruté. *La novela femenina contemporánea (1970-1985): hacia una tipología de la narración en primera persona*. Barcelona: Anthropos, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DUARTE, Kelley Baptista. *Carmen da Silva: nos caminhos da autobiografia de uma “mulheróloga”*. Rio Grande, 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- PORTO, Comba Marques. *A arte de ser ousada: uma homenagem a Carmen da Silva (1919-1985)*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2015.
- REGUFFE, Marina Cardoso. *Carmen da Silva, leitora de Simone de Beauvoir*. Rio Grande, 2014. 87 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.
- SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. Tradução de Lúcia Haddad. *Proj. História*, São Paulo, n. 16, fev. 1998, p. 297-325. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/11183/8194>>. Acesso em: 24 jan. 2018.
- SILVA, Carmen da. Apresentação. In: BARDWICK, Judith M. *Mulher, sociedade, transição: como o feminismo, a liberação sexual e a procura de autorrealização alteraram as nossas vidas*. Tradução de Wanda de Oliveira Roselli. Apresentação e revisão de Carmen da Silva. São Paulo: Difel, 1981. p. 1-4.
- SILVA, Carmen da. *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilha, 2014.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.

Artigo aceito em abril de 2018.